

# Homossexualidade, psicanálise freudiana e pós-modernidade

*Homosexuality, freudian psychoanalysis and post-modernity*

Fabiana Maria Alves de Oliveira Shinmon<sup>1</sup>

Siena Sales Freitas Guerra<sup>2</sup>

Mônica Mota Tassigny<sup>3</sup>



## Resumo

A escolha da homossexualidade como tema central deste artigo surgiu de uma inquietação diante do “silêncio” em torno desse tema no meio acadêmico. As raríssimas vezes em que se fez alusão ao assunto dentro da sala de aula, quer numa abordagem teórica ou mesmo informal, sempre se deu de forma superficial ou permeada por um discurso ora dogmático ora moralista. Nestes termos, o presente trabalho se propôs investigar a evolução conceitual sobre a homossexualidade, com suas múltiplas influências históricas, na busca de desvelar o que esta subjacente à noção contemporânea de homossexualidade. Tratou-se de pesquisa bibliográfica focada na contribuição da psicanálise para a compreensão da temática em questão na atualidade.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Freud. Pós-modernidade.

## Abstract

The choice of homosexuality as central theme for this article arouse from a personal dissatisfaction with the “silence” surround this topic in the academic context. The few times the topic has been mentioned in the classroom, either in theoretical treatment or even informally, the discussion has always been superficial and permeated by dogmatic positioning over the religious treatment of the topic that has been ferociously combated and abominated by the intellectual academics, be they professors or students. The current work has the intention of investigating the development of homosexuality as a concept with its multiple historical influences, with the intention of revealing what is behind the contemporary notion of homosexuality.

**Keywords:** Homosexuality. Freud. Post-modernism.

## Introdução

O presente trabalho tratou da influência de critérios biológicos, sociais e político-econômicos no processo de construção e desconstrução da conceituação da homossexualidade até os dias de hoje. Iniciou-se uma trajetória, partindo das diversas acepções destinadas ao termo sexo através dos séculos. Em seguida, relataram-se as crenças que existiam sobre a anatomia e o psiquismo de homens e mulheres, que foram dominantes durante os séculos XVIII e XIX, para então ser possível compreender como surgiu a noção de homossexualidade no século XIX.

Abordou o trabalho teórico de Freud que objetivou encontrar uma gênese para a homossexualidade, assim também como abordou as correntes teóricas atuais que ainda se empenham em eleger uma explicação para a orientação sexual homossexual, seja numa perspectiva geneticista-determinista ou com sendo algo do campo da escolha do objeto de interesse sexual, que pode variar em função das experiências adquiridas pelo sujeito ao longo de sua existência.

Em seu final, fez-se um retrato, ainda que “caricaturado”, da posição de destaque ocupada pela homossexualidade na sociedade contemporânea e

<sup>1</sup> Aluna do curso de graduação em Psicologia da UNIFOR – Universidade de Fortaleza. Email: fshinmon@bol.com.br

<sup>2</sup> Aluna do curso de graduação em Psicologia da UNIFOR – Universidade de Fortaleza, Monitora da disciplina de Pesquisa em Psicologia I. Email: sienaguerra@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Doutora da UNIFOR – Universidade de Fortaleza. Email: Monicam@secrel.com.br.

comentaram-se as mais recentes pesquisas no campo da genética sobre a temática orientação sexual.

## 1 História da homossexualidade: surgimento do conceito

Conceituar a homossexualidade como a ‘disposição para relações físicas e amorosas com pessoas do mesmo sexo’, segundo Costa (1995, p. 86), “é um jogo de linguagem” construído ao longo da história e, conseqüentemente, submetido aos seus múltiplos fatores de influência: econômicos, sociais e culturais. Ele ainda lança um questionamento sobre o tema: “O que nos faz acreditar que homossexual é alguém que existe e sempre existiu independentemente do hábito cultural que nos ensina a identificar certos sujeitos como sendo homossexuais?” (COSTA, 1995, p. 48).

Podemos começar pela reflexão sobre o termo sexo. Ao que ele se refere? Que conceitos passaram a designá-lo no transcorrer da história, já que tais conceitos são fruto da influência de ideologias contemporâneas a cada época?

Em primeira instância podemos dizer que as idéias subjacentes ao termo sexo são as de que se trata de “algo separado das condutas sexuais do sujeito” (COSTA, 1995, p. 94) e que se encontra bipartido nas categorias de homem e mulher. Esta merece maior atenção por ser a que fundou o conceito de homossexualidade e heterossexualidade, e é originária da construção de uma bissexualização política.

Sexo, na era pré-moderna, era designação de perfeição, encarnada no corpo do homem ou de imperfeição, encarnado no corpo da mulher. Na era da burguesia, serviu para indicar uma “distinção sócio-moral entre homens e mulheres”, para designar o lugar de cada um dos gêneros na nova ordem político-econômica imposta pela revolução burguesa. Deixa de ser um só e mesmo sexo, para ser um tipo de sexo político-ideológico.

A construção cultural da diferença dos sexos data do século XIX. Anterior a este período, o conceito de uma bissexualidade, de homem e mulher, não existia. Até o século XVIII a concepção científica dominante da sexualidade era a do *one-sex model*,<sup>4</sup> “A

mulher era um homem invertido e inferior” (COSTA, 1995, p. 100), inferior porque o corpo do homem era o modelo de perfeição do corpo humano, segundo o ideal metafísico desse período, e invertido porque ela possuía análogos dos órgãos sexuais masculinos, só que de forma embutida, oculta em seu corpo. ‘O útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis’ (LAQUEUR *apud* COSTA, 1995, p. 100).

Defendia-se uma correspondência dos órgãos da anatomia sexual masculina com a anatomia sexual feminina. Talvez pudéssemos comparar a mulher a uma cópia pirateada do homem, uma espécie de fórmula genérica dele. Não havia uma denominação específica para distinção dos órgãos sexuais femininos dos órgãos sexuais masculinos. Até o início do século XIX, quando se fazia referência aos ovários da mulher, o termo utilizado para descrevê-los era “testículos femininos”. Quando em 1559 Renaldus Colombo descobre o clitóris, designa-lhe o termo “pênis da fêmea”. Porém o que permitia fazer a diferenciação entre homem e mulher, era a “ordenação hierárquica dos dois gêneros”, estando o homem dentro dessa hierarquia numa condição privilegiada (LAQUEUR *apud* COSTA, 1995, p. 103, 104).

Acreditava-se ainda que, assim como na ejaculação masculina ocorria a emissão de esperma, o orgasmo feminino era o momento de ovulação da mulher. Portanto, para que a fecundação acontecesse de fato, era necessário que, além da ejaculação masculina, a mulher atingisse o orgasmo (LAQUEUR *apud* COSTA, 1995).

Somente a partir de 1930, pôde-se conhecer melhor como funcionava o ciclo hormonal da ovulação da mulher. Porém, já em 1840, na realização de experiências com cadelas, se havia constatado que estas possuíam ciclos de ovulação fora do momento do coito. Esta possibilidade foi estendida às fêmeas da espécie humana, mas a crença no modelo *one-sex* imperava com tal força, que isto foi considerado uma mera hipótese.

O *two-sex model*<sup>5</sup> só alcança sua hegemonia cultural no século XIX por questões de fórum político:

<sup>4</sup> Só havia o sexo do homem, pois a mulher era compreendida como um modelo de homem “invertido” (COSTA, 1995).

<sup>5</sup> Crença num dimorfismo radical e original da sexualidade. Aqui a mulher é concebida distinta do homem.

[...] Finalmente, e o mais eloquente, ninguém conseguia olhar para as diferenças anatômica e fisiologicamente concretas entre os sexos, até que tais diferenças tornaram-se politicamente importantes [...] Em vez de ser consequência de conhecimento científico crescente, sugiro que novos modos de interpretar o corpo foram, antes, novos modos de representar, de constituir realidades sociais (LAQUEUR *apud* COSTA, 1995, p. 107).

Segundo Costa (1995), a transição do *one-sex model* para o *two-sex model* significou a mudança de uma percepção pautada numa perspectiva de continuidade e numa hierarquização das formas, para uma perspectiva de oposição e de descontinuidade sexual dos corpos.

Assim, logo que surgiu uma nova ordem política na transição dos séculos XVIII para o século XIX, surgiu também um novo olhar médico-científico sobre a anatomia da mulher, que lhe concederam algumas idiossincrasias que permanecem até hoje atreladas a sua imagem, dentre as quais podemos citar quatro.

A primeira delas refere-se a “... especial capacidade das mulheres para controlar os desejos que tivessem e sobre a **moral natural** ...” contida em seu caráter. A segunda, é que a ela foi atribuído simbolizar a fragilidade biológica do humano, fragilidade esta que será a justificativa para sua incompetência de atuar na esfera pública e também responsável por uma “**vocação natural**” para a vida doméstica. Assim como cabia ao Estado atuar na esfera pública, a mesma esfera destinada ao homem, a mulher ficava restrita a esfera do privado (LAQUEUR *apud* COSTA, 1995, p. 112, 113; grifo meu).

Por conta da preocupação da burguesia com sua descendência moral e com o controle da população, e para manter sua supremacia e diferenciar-se das demais classes plebéias, a burguesia elege o sexo como ponto de distinção dela dentre as outras classes, “o sexo burguês deveria ser diferente do sexo da plebe ...” (COSTA, 1995, p. 114).

Daí surge a terceira atribuição ao papel da mulher que é o da geração de filhos para formação da família, que era célula matricial da burguesia, tanto enquanto classe como enquanto nação. Atribui-se uma especial importância a perpetuação da espécie. O movimento de reforma dentro igreja anglicana vem reforçar “as novas prescrições da nova moral familiar”

assim também como o fizeram outras denominações religiosas, como os metodistas e os batistas (HALL *apud* COSTA, 1995, p. 115).

Enfim, a quarta peculiaridade é apenas uma consolidação da ideologia de que, tanto homens quanto mulheres, possuem aptidões e habilidades distintas e endossadas pela natureza, pelo costume e pelas relações sociais, e qualquer tentativa de burlar essas delimitações, estava fadada ao insucesso (HALL *apud* COSTA, 1995).

Caminhar pelas ideologias que influenciaram as delimitações de papéis do homem e da mulher ao longo da história, nos fará compreender em quais condições surgiu o conceito da homossexualidade como ainda o concebemos até hoje. Examinemos a evolução nos estudos sobre a histeria.

A princípio a concepção da etiologia da histeria estava associada ao útero da mulher. Existia a crença de que “(...) ‘vapores’ eram produzidos pela fermentação de humores seminais uterinos” e ocasionavam as crises convulsivas histéricas. Localizando no útero a gênese da histeria, ela era um distúrbio típico da mulher. Em seguida, a explicação para a histeria está na diferença do encéfalo da mulher e do homem, que se acreditava ser o da mulher, muito mais “sensível”, mais suscetível às emoções do que o dos homens. Esta mesma aguçada sensibilidade emocional justificava a especial fragilidade dos “nervos” femininos, que então serão os responsáveis pelos distúrbios mentais da histeria (BRIQUET *apud* COSTA, 1995, p. 120-122).

O que dizer do homem histérico? Costa (1995, p.123) nos relata que a histeria masculina era rara, porém, curiosamente sua maior incidência encontrava-se nas classes dos ferroviários, artesãos e pobres de todo tipo. O homem histérico era um homem com “nervos femininos” e sendo predominantemente pobre, denunciava a desigualdade social e a violência de uma ordem político-econômica que pretendia representar “o modelo de evolução do espírito humano e da civilização” (COSTA, 1995, p. 124).

O homem histérico não tinha função dentro da ideologia burguesa de valorização da família e da descendência, era uma peça desnecessária à engrenagem e por esta razão não constituía um alvo de estudo científico. A histérica era, então, o modelo de anti-mãe burguesa, mas em contrapartida o histérico não é o modelo de anti-pai. Veremos que o homossexual é quem irá ocupar esse lugar.

Na segunda metade do século XIX, como resultado desse processo de construção e desconstrução de conceitos, a mulher passa da categoria de “homem invertido” a “inverso complementar do homem”. Costa (1995, p.128,131) comenta que a homossexualidade, a princípio, será considerada um modelo de perversão do instinto sexual<sup>6</sup>, “causada pela degenerescência<sup>7</sup> dos seus portadores, para depois ser considerada um modelo de “atraso evolutivo ou de retardamento psíquico...”. Os critérios nosográficos, classificatórios das patologias sexuais dos séculos XIX e XX, terão sua inspiração no conceito de degenerescência do instinto sexual de Morel (1857).

Então, sendo o homossexual anatomicamente masculino e psiquicamente feminino, o termo sexo ganha aqui uma nova dimensão além da corporal: a dimensão psíquica. Assim, havia um tipo de sexo inscrito no corpo e um outro inscrito psiquicamente. Essa lógica permitiria justificar que um homem poderia desejar outro homem, porque seu psiquismo funcionava de forma feminina.

São envoltos por esta atmosfera intelectual que os estudiosos do fim do século XIX e início do século XX, realizaram suas produções teóricas. Como exemplo podemos citar as obras do “pai da psicanálise”, Sigmund Freud, e dentre elas os “Três Ensaio da Teoria Sexual”.

## 2 As cinco teorias freudianas

Em *Três Ensaio da Teoria Sexual*, de 1905, Freud elabora sua primeira teorização sobre a homossexualidade, profundamente impregnada da visão moralista e psiquiátrica dos séculos anteriores.

Costa (1995, p.190) destaca cinco características presentes nas produções teóricas freudianas que revelam tal influência, quais sejam: 1) pederastia e homossexualismo eram estritamente associados ao feminino; 2) a constatação na clínica da dificuldade

de falar sobre homossexualidade era entendida como um sinal que a homossexualidade era algo da ordem do reprimido; 3) ela fazia parte de um dos estágios da evolução sexual, a fase aloerótica<sup>8</sup>, que é seguinte a do auto-erotismo<sup>9</sup>; 4) a sedução homossexual era causa de um trauma cujos sintomas seriam ulteriores; 5) termos como “intenção” e “apego” homossexuais não eram definidos claramente como sendo de natureza consciente ou inconsciente; 6) a homossexualidade era associada a crime, perversão e incesto, denunciando um forte julgamento moral da homossexualidade; 7) acreditava numa identidade ou personalidade homossexual.

Freud sistematiza cinco teorias, a partir de sua experiência clínica e da contribuição teórica de alguns de seus contemporâneos, como por exemplo Fliess, com o propósito de encontrar a etiologia da homossexualidade.

Naprimeiradelas, Freud trata a homossexualidade como perversão, incluindo-a no conjunto de aberrações sexuais por acreditar que se tratava de um caso de desvio em relação ao objeto sexual. De acordo com Costa (1995, p.203), Freud “vai abandonar a tentativa de buscar na regra biológica ou... sociológica, o critério definidor de ‘perversão’ para ancorar-se na clínica do desejo inconsciente”. Freud passa a considerar a variação do desejo numa perspectiva da inclinação sexual do sujeito. Abandona temporariamente a hipótese de perversão como sendo qualquer tipo de prática sexual não aceita sócio-culturalmente e de caráter contrário à natureza biológica humana.

Em sua obra *Sobre as teorias sexuais infantis*, e quando apresenta sua teoria das diferenças dos sexos a partir do complexo de castração<sup>10</sup>, passa a entender a homossexualidade como “uma defesa do menino face ao medo da castração<sup>11</sup> e menos como uma modalidade perversa do desenvolvimento libidinal” (COSTA, 1995, p. 209).

<sup>6</sup> O conceito de instinto sexual ao final do séc. XIX era algo de caráter hereditário, não adquirido pela vivência particular de cada um. Estava associado “à preservação da espécie e unia os instintos individuais aos instintos sociais” (FERÉ apud COSTA, 1995, p. 138).

<sup>7</sup> A Teoria da degenerescência de Morel (1857), era baseada numa mescla de princípios religiosos, fundamentados no Gênesis bíblico, e de ideologias morais dos filósofos Rousseau e Condillac. Estava associada ao pecado original do primeiro casal humano que doou a raça humana uma suscetibilidade ao pecado, e à “... ação de circunstâncias exteriores, instituições sociais ou outras influências ocasionais” (COSTA, 1995, p. 149).

<sup>8</sup> Fase do desenvolvimento sexual infantil onde a criança busca objetos de satisfação sexual para além do seu próprio corpo.

<sup>9</sup> Fase mais precoce do desenvolvimento sexual infantil, onde o objeto de satisfação sexual está nas zonas erógenas de seu próprio corpo.

<sup>10</sup> Trata do processo de constituição psicosssexual infantil que se inicia com a crença na “universalização do pênis”-todos os seres humanos, tanto homens como mulheres, possuem pênis.

<sup>11</sup> É resultado da descoberta do menino do fato de que as meninas não possuem pênis como acreditavam outrora. Daí em diante, alimenta a crença de que elas um dia o tiveram, mas o perderam, e temem que o mesmo aconteça com eles.

Freud estuda a biografia de Leonardo da Vinci o qual se torna um dos seus casos clássicos, o caso Leonardo. Analisa diversos aspectos do comportamento e das preferências pessoais do artista e a partir dele, elege uma nova raiz para a homossexualidade. Costa (1995, p. 212) comenta: “Na raiz da homossexualidade não estava mais o medo à castração; estava a intensa ligação erótica com a mãe ...”. Inicia-se aqui sua segunda teoria.

O caso Leonardo rompe de uma vez por todas com a “herança psicológico-psiquiátrica do século passado” e introduz na teoria de Freud o conceito de “identificação” que é explicado por ele em sua obra *Psicologia das massas e análise do Eu* da seguinte maneira:

A gênese da homossexualidade masculina é, em uma grande parte série de acasos, a seguinte: o jovem permaneceu fixado à sua mãe, no sentido do complexo de Édipo, durante um tempo e com uma intensidade maior que a usual. Por fim, ao completar-se o processo de puberdade, chega o momento de permutar a mãe por outro objeto sexual. Sobrevém, então, um retorno repentino; o jovem não abandona sua mãe, mas identifica-se com ela; transmuta-se nela e agora procura objetos que possam substituir seu eu, a quem possa amar e cuidar como experimentou na relação com a mãe (FREUD apud COSTA, 1995, p. 214).

Sendo assim, o mecanismo da identificação seria uma estratégia para recuperar os objetos libidinais aos quais teve que abdicar e tornava-se então a nova explicação para o fenômeno da homossexualidade.

Já em sua terceira teoria, Freud faz certo retrocesso teórico, retomando conceitos como o da perversão e termos como invertido, outrora abandonados. Mas, apesar disso, começa a dar importância a uma ‘homossexualidade latente’ e a uma ‘libido homossexual inconsciente’, esta última referindo-se a “certos tipos de escolha de objeto ou de investimento na imagem do eu ou no Ideal do eu” (COSTA, 1995, p. 223).

Regressa também à associação da homossexualidade à passividade e à feminilidade. Encontramos aqui um impasse teórico, porque Freud não consegue identificar ‘qual o referencial sexual inconsciente da homossexualidade masculina’. Esse impasse se dá porque ele busca como referentes a própria homossexualidade, a feminilidade e a passividade, que, conceitualmente, ora parecem ser sinônimos ora parecem distintos (FREUD apud COSTA, 1995, p. 227).

Ao longo de sua teoria, Freud associa o feminino a uma posição de passividade e o masculino a uma posição de atividade. Em *Sobre alguns mecanismos neuróticos nos ciúmes, na paranóia e a homossexualidade* relata :

Hoje posso assinalar um novo mecanismo que leva à eleição homossexual de objeto, embora não saiba indicar quanto deva estimar-se seu papel na conformação da homossexualidade extrema, manifesta e exclusiva. A observação chamou minha atenção sobre muitos casos nos quais haviam emergido, na infância precoce, moções de ciúme de particular intensidade nos homens,... e dirigiam-se a rivais, no mais das vezes irmãos maiores. Estes ciúmes provocam atitudes intensamente hostis e agressivas para com os irmãos... ; não obstante, sucumbiam no processo de desenvolvimento... Com este novo mecanismo da eleição homossexual de objeto (sua gênese em uma rivalidade repressa e numa inclinação agressiva reprimida) vão mescladas, em muitos casos, as condições típicas que já conhecemos (FREUD apud COSTA, 1995, p. 233).

Estas pulsões, sendo inapropriadas à cultura, tendiam à repressão e se transformavam em sentimentos opostos aos despertados originalmente - aqueles que eram odiados passavam a ser amados. Quando a atenção de Freud desloca-se para o mecanismo da agressividade, ocorre também a dissolução do vínculo entre homossexualidade, passividade e feminilidade.

Inaugura-se então sua quarta teoria. Nesta, ele elege a hostilidade como força propulsora da homossexualidade e surge então espaço para a manifestação de algum tipo de desejo ativo na homossexualidade, mas este desejo emerge de uma fonte agressiva e não de uma fonte libidinal.

Por último, Freud afirma que um traço da homossexualidade masculina é que a escolha sexual do objeto tem como base a fantasia masoquista-passivo-feminina. Em sua quinta teoria, reduzia a homossexualidade a uma questão de economia da passividade/atividade ou masoquismo/sadismo e explicava a atração sexual entre homens como uma “distorção nos destinos do masoquismo e do sadismo” (FREUD apud COSTA, 1995, p. 241).

Apesar das diversas tentativas teóricas de Freud para delimitar a gênese da homossexualidade na perversão, no vínculo intenso com a mãe, no narcisismo, no medo da castração, na hostilidade reprimida, na passividade e no masoquismo, algo

ainda permaneceu inalterado. A homossexualidade continuou sendo caracterizada como “disposição, tendência, desejo ou inclinação para relações eróticas com pessoas do mesmo sexo”.

Ao fazer um comentário sobre o caso Leonardo, Freud escreve: “O que por razões práticas se chama ‘homossexualidade’ talvez provenha de múltiplos processos psicosssexuais de inibição, e é possível que o que discernimos seja um entre muitos destes processos e só se refira a um tipo de homossexualidade” (FREUD *apud* COSTA, 1995, p. 254).

Costa (1995, p. 256) acredita que homossexualidade e heterossexualidades “são identidades sócio-culturais como quaisquer outras” mantidas não pelo inconsciente, mas pela força da linguagem moral.

### 3 Conceitos sociais e biológicos

O entomologista Alfred Kinsey, em sua obra *O Comportamento Sexual dos Homens*, analisa a questão da sexualidade, hetero ou homossexual partindo do conceito de um *continuum*<sup>12</sup>, como podemos observar nesse trecho de sua obra:

As pessoas do sexo masculino não são divididas em duas populações descontínuas: os heterossexuais, de um lado, e os homossexuais, de um outro ... O mundo do ser vivo é, integralmente, um *continuum* em seus menores aspectos ... O leque das variações individuais, para qualquer que seja a característica, é frequentemente mais vasto do que se pensa geralmente. (KINSEY *apud* COSTA, 1995, p. 15, 16).

Partindo desse conceito de Kinsey, características pessoais como a cor dos olhos ou até mesmo a lateralidade, já fariam parte do conjunto de tantos outros traços já definidos por questões ambientais e hereditárias desse indivíduo. Olhos negros ou azuis, ser destro ou sinistro, são variações dentro deste *continuum* de características possíveis, que se tornarão traços personalizados desse sujeito, não sendo válido para análise dos mesmos o critério de normalidade, visto se tratar de nuances hereditárias e próprias de

cada indivíduo, e não se tratar de uma questão de escolha.

Herculano-Houzel (2006, p. 48) defende a teoria de que “a preferência sexual é determinada biologicamente e ainda no útero – o que faz da homossexualidade uma variação...” da sexualidade, da mesma forma que as outras características mencionadas anteriormente.

São muitas as correntes que buscam compreender qual é de fato a origem da homossexualidade. Os que acreditam que esta origem é determinada geneticamente, é um traço constituinte do DNA do sujeito, tratam a homossexualidade como algo imutável, enclausurando assim o sujeito numa prisão selada pela predestinação de que: uma vez homossexual, homossexual até a morte.

Curiosamente, as mais recentes e importantes pesquisas no campo da homossexualidade tem buscado localizar as diferenças contidas no DNA humano, que possam justificar uma orientação hetero ou homossexual.

Existe uma pesquisa em andamento, com resultado previsto para o ano de 2008 que, segundo Nogueira (2007), será um divisor de águas nos estudos até então realizados nesta área. Trata-se de uma pesquisa que se iniciou em 2004 nos EUA, dirigida pelo psiquiatra Alan Sanders, com uma amostra de mil irmãos homossexuais juntamente com os familiares que aceitarem participar da coleta dos dados. O objetivo específico da pesquisa é elucidar a questão do Xq28<sup>13</sup>. A importância dessa pesquisa reside não só na variabilidade da amostra, mas também no fato de que ela não se limitará aos itens genéticos e coletará dados relativos à infância e ao número de irmãos<sup>14</sup> dos examinados, este último considerado por alguns pesquisadores fator relevante na constituição da homossexualidade.

Em seu artigo “*Ser ou Não Ser?*”, Epstein (2006) relata um caso de um rapaz chamado Mateus, que dos 17 aos 24 anos não só esteve comprometido com um parceiro homossexual, como também se envolveu em vários outros *affaires*<sup>15</sup> extraconjugais, até o dia em

<sup>12</sup> Uma escala composta de múltiplas possibilidades para uma determinada característica.

<sup>13</sup> Descoberto numa pesquisa realizada por Dean Hammer em 1993, trata-se de genes ligados à orientação sexual localizados na região q28 do cromossomo X (NOGUEIRA, 2007, p. 56).

<sup>14</sup> Pesquisas realizadas durante a década de 90, relataram descobertas peculiares e dentre elas havia uma que batizaram de ‘efeito do irmão mais velho’. Observou-se na pesquisa que os homossexuais possuíam um maior número de irmãos mais velhos (do sexo masculino), porém não se estabeleceu essa relação quando se tratava de um maior número de irmãs (NOGUEIRA, 2007, p. 59).

<sup>15</sup> Relacionamento afetivos furtivos, superficiais, onde não se estabelece vínculo de compromisso.

que seu parceiro tomou a decisão de tornar-se hetero após retornar de um retiro espiritual.

Nesse momento, Mateus também pôs em questão sua condição homossexual e passou a ter envolvimento com mulheres. O resultado dessa nova experiência no campo da heterossexualidade foi que, aos 28 anos, ele se casou com uma mulher a quem chama de ‘alma gêmea’. Hoje, com 35 anos, tem um casal de filhos e afirma que nem mesmo fantasias homossexuais ocupam sua mente. Diante deste fato, a teoria de uma determinação genética originar a homossexualidade cai por terra.

Outros defendem que esta origem esteja no campo da escolha do objeto de interesse sexual, podendo variar em decorrência das experiências adquirida pelo sujeito ao longo de sua existência à medida que o alvo desse interesse sexual mude para outro gênero. Talvez essa possibilidade teórica pudesse então dar conta de elucidar o que se passou com Mateus, mas não completamente.

Poderíamos ainda levantar a hipótese de que, sendo todo ser humano dotado de uma singularidade, talvez não seja possível delimitar a homossexualidade a uma gênese universal. Em cada experiência pode haver uma nuance que a torne única, singular em seu irrompimento, pelo menos para o sujeito que a vivencia.

Tentar estabelecer critérios nosológicos para a homossexualidade talvez ainda seja um resquício do estigma de doença que ela carrega, pois até a década de 70, a homossexualidade era classificada no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM) como uma patologia pertencente aos desvios sexuais.

#### **4 Homossexualidade em evidência na pós-modernidade**

Flashes, câmeras, luzes, ação! Parece que a homossexualidade em nossa sociedade pós-moderna tornou-se matéria do dia. Para onde quer que olhemos, lá estará ela. Como que uma celebridade do cinema, estará estampada em alguma capa de jornal, revista ou outdoor. Ao ligar a televisão, poderemos vê-lo sendo debatida por especialistas em programas de entrevistas ou encarnada em algum personagem de telenovela. Está nos desenhos animados infantis sutilmente representada sob a forma de personagens andróginos, onde é quase impossível discernir qual

personagem é do gênero feminino ou qual é o gênero masculino. Fundem-se características de ambos os gêneros para que subliminarmente, as futuras gerações sejam flexíveis no julgamento do desempenho dos papéis culturalmente atribuídos ao homem e a mulher, ou a qualquer nova categoria de orientação sexual que possa irromper ao longo das décadas vindouras.

A homossexualidade saiu dos guetos destinados aos seus iguais e aos que lhes eram simpatizantes, e tornou-se uma prática aberta e crescente em nossos dias (JULIEN, 2005). Não pode ser mais ignorada porque não se trata mais de algo restrito aos “bastidores” da vida cotidiana. Está sob o foco das “luzes da ribalta” pós-moderna.

Poderemos encontrá-la também dentro do ambiente imaculado da Igreja, como o pivô de indenizações faraônicas cobradas por aqueles que se consideram vítimas da sedução homossexual praticada pelos próprios líderes da instituição religiosa.

Talvez as forças armadas, instituição reconhecida pelas rígidas normas de conduta e disciplina, tendo em sua filosofia de formação um comportamento baseado na força, na superação física e psicológica, seja um lugar incompatível com a realidade da homossexualidade ... Ledo engano!

As ruas já foram invadidas por batalhões de soldados militantes do direito a “viverem livremente outra forma de sexualidade que não a heterossexualidade-reprodutiva”, dando continuidade assim ao movimento iniciado na década de 60 intitulada de “revolução sexual” que se disseminou pelo mundo inteiro (BARBERO, 2006, p. 56).

No Brasil, a Passeata GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais), realizada em 2008, reuniu cerca de cinco milhões de participantes em São Paulo. Tornou-se atração turística internacional e segundo os números da Secretaria de Turismo de São Paulo (SPTuris) a “Parada Gay” atraiu cerca de 327 mil turistas, 5% deles estrangeiros, 20% a mais do que o registrado em 2007, segundo matéria publicada no *Jornal Correio Paulistano*.

O público homossexual, não podendo escapar ao ‘capitalismo selvagem’ da pós-modernidade, passou a ser também uma atraente classe de consumidores:

O mercado dos bares e saunas GLS, do turismo gay, dos festivais de cinema e outros eventos culturais específicos, a cada dia se estende mais, principalmente nas grandes cidades. O que era considerado transgressão sexual na antiga

ordem sexual e reprodutiva é agora autorizado e explorado economicamente ... (Barbero, 2006, p. 57).

É inegável que nos encontramos num decisivo momento de nossa história que nos exige uma profunda reflexão sobre posicionamento frente ao espaço ocupado pela homossexualidade na sociedade. Mas, antes que se empreenda qualquer análise acerca do tema, devemos ter em mente o seguinte: “(...) sem mudar nossas crenças sobre o mundo, dificilmente podemos começar a vê-lo de outra maneira” (COSTA, 1995 p. 23). De nada adianta adotarmos os neologismos do tipo “homoafetivo” se ainda portamos as mesmas lentes dos “monóculos” dos séculos passados.

Em nossa sociedade pós-moderna, ainda paira uma nuvem nebulosa sobre a homossexualidade, ainda é um tabu mascarado sob o silêncio da esquiva de discussão do tema ou sob a falsa aceitação social de que “cada um tem o direito de ‘escolher’ como quer viver sua sexualidade”.

A magnitude da implicação dessa minoria sexual na dinâmica social deve ser observada e avaliada afim de que se compreenda qual a sua função dentro de nossa sociedade e dessa maneira se possa repensar uma postura lúcida frente ao tema e se possa construir uma visão crítica, imparcial e sensata, imune às correntes fundamentalistas, que adotam ideologias fanáticas quer seja pró ou contra a condição homossexual.

## Considerações finais

Percebemos que, apesar do movimento cíclico das sucessivas ideologias e, conseqüentemente, das sociedades que a sustentam, há nelas uma forte característica hereditária, que arrasta determinadas crenças através dos séculos. Podemos citar, como exemplo, a noção de perversão associada à homossexualidade, que ainda permanece em alguma medida até hoje.

Freud, como “pai da psicanálise”, desenvolveu um árduo trabalho com o intento de compreender a condição homossexual, fortemente marcada pelo julgamento moral e fonte de tamanho sofrimento nos pacientes que acompanhou em sua carreira clínica. O sofrimento ainda persiste para alguns, mas parece que a atmosfera pós-moderna oferece maior indulgência às consciências outrora atormentadas.

Acreditamos que pesquisas que se propõem mapear o DNA humano, a fim de localizar uma determinação genética para a orientação sexual, deslocam o sujeito da condição de agente para uma condição passiva e determinista de sua sexualidade, o desresponsabiliza em relação ao seu desejo, pois nem ao menos o leva em consideração. Não é de estranhar que este tipo de pesquisa ganhe tanta notoriedade em nossos dias.

O fato é que a homossexualidade é um fenômeno bastante complexo submetido a um empuxo de forças e seria uma atitude extremamente radical eleger uma única possibilidade para seu surgimento em lugar de uma mescla de influências.

## Referências

- BARBERO, Graciela. Erotismo em transformação. *Mente & Cérebro*, São Paulo, v. 14, n. 165, p. 53-57, out. 2006.
- COSTA, Jurandir. *A face e o verso: estudos sobre o homo erotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.
- EPSTEIN, Robert. Ser ou não ser?. *Mente & Cérebro*, São Paulo, v. 14, n. 165, p. 40-45, out. 2006.
- HERCULANO-HOUZEL, Suzana. O cérebro homossexual. *Mente & Cérebro*, São Paulo, v. 14, n. 165, p. 47-51, out. 2006.
- JULIEN, Philippe. O desafio de outra cultura. In: A CLÍNICA lacaniana: as homossexualidades. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- NOGUEIRA, Pablo. O polêmico Gene Gay. *Galileu*, Rio de Janeiro, n. 197, p. 54-59, dez. 2007.
- PUJOL, Francisca. 12ª Parada GLBT: “a revolução”. *Jornal Correio Paulistano*. Disponível em: <<http://www.correiopaulistano.com.br>>. Acesso em: 2 out. 2008.